

Artigo Original

Mercado de trabalho em Educação Física: significado da intervenção profissional em academia de ginástica¹

Rita de Cássia Garcia Verenguer
José Renato Campanelli
Daniele Kallas
Elisabete do Santos Freire
Ferdinand Camara da Costa

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Barueri, SP, Brasil

Resumo: Embora a produção de conhecimento na área tenha crescido substancialmente, no que concerne à investigação sobre a relação do profissional de Educação Física e o mundo do trabalho ainda há uma lacuna. Visando ampliar o entendimento do tema definimos os seguintes objetivos: a) discutir a intervenção profissional em uma academia de ginástica; e b) analisar o significado da intervenção para os profissionais. Metodologicamente este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e por um estudo de caso. Foram entrevistados profissionais de Educação Física que trabalham em uma grande academia. Em meio à transição e à implantação de um Programa Padronizado de Intervenção, aquilo que poderia ser considerado resistência às mudanças é, na verdade, a afirmação, feita pelos sujeitos, de sua condição de profissionais. Os sujeitos têm a consciência de que sua intervenção é mediada pelo conhecimento adquirido em suas experiências acadêmicas e profissionais e pelos saberes que delimitam essa intervenção.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Intervenção. Ginástica.

Labor Market in Physical Education: the meaning of professional intervention in fitness centers

Abstract: Although the production of knowledge in the area has risen substantially, there is still a gap concerning the investigation about the relation of the Physical Education professional and the job market. Aiming to widen the understanding of the topic, we have defined the following targets: a) to discuss the professional intervention in a fitness center; and b) to analyze the meaning of such intervention for the professionals. Methodologically, this essay is characterized as a qualitative research and a case study. Physical Education professionals, who work in a large fitness center, have been interviewed. In the course of the transition and the implantation of an Intervention Standardized Program, that, which could be considered as a resistance to the changes, is, in fact, the affirmation made by the individuals of their condition as professionals. The subjects (professionals) are aware that their intervention is measured by the knowledge acquired in their academic and professional experiences and by the knowledge which restrict this intervention.

Key Words: Job market. Intervention. Gymnastics.

Introdução

A Educação Física vem passando, nos últimos 20 anos, por um intenso processo de cientificização e tal afirmação pode ser corroborada pelo aumento do número de programas de pós-graduação e, conseqüentemente, pelo aumento de docentes com titulação de mestre e doutores, pelo aumento dos eventos científicos e publicações na área e,

mais recentemente, pelo envolvimento de graduandos nos programas de iniciação científica.

Com o amadurecimento deste processo, a comunidade científica observou que, embora ele tenha sido importante para a área, pouco contribuiu para a compreensão sobre a intervenção profissional, uma vez que, se privilegiou a pesquisa básica ou as “ciências-mães” (DARIDO, 1999, TANI, 1996, VERENGUER, 1997). Atualmente, temos observado que as pesquisas de natureza aplicada, ou seja, sobre as questões relacionadas

¹ Pesquisa financiada pelo Fundo MackPesquisa e desenvolvida pelo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Preparação e Intervenção Profissional em Educação Física e Esporte (GEPIPEFE-MACKENZIE).

ao cotidiano do profissional tem recebido alguma atenção dos pesquisadores.

No entanto, [Verenguer \(2005 p. 25\)](#) advoga que particularmente no que concerne à investigação sobre a relação do profissional de Educação Física e o mundo do trabalho, entendido aqui como o espaço simbólico no qual se dão as relações de troca entre o capital e o trabalho (condições de trabalho, leis trabalhistas, satisfação no trabalho, carreira profissional, entre outros), ainda há uma lacuna. Neste sentido, é preciso empreender estudos visando elucidar essa temática “pois o conhecimento advindo deste empreendimento tornar-se-á conteúdo a ser discutido nos cursos de graduação e contribuirá para a preparação de profissionais mais informados e conscientes”.

Quando iniciamos essa unidade temática com os graduandos é interessante observar que para estes jovens a idéia de mercado de trabalho se caracteriza, única e exclusivamente, como o *local de trabalho*, ou seja, o lugar onde eles vão exercer sua profissão e não, como o espaço no qual estabelecerão as relações de trabalho.

Objeto de desejo de todo jovem, o mercado de trabalho, ou melhor, o local de trabalho precisa ser conquistado rapidamente e para os graduandos em Educação Física essa iniciação precoce, embora irresponsável do ponto de vista profissional, é motivo de diferenciação no seu grupo. Simbolicamente, significa dizer que já é adulto, que não depende financeiramente dos pais, que já sabe responder pelas suas escolhas. Ao abordarmos as conseqüências desta precocidade para a profissão e para a construção da identidade profissional, ouvimos sempre a mesma resposta: “[...] preciso conquistar meu lugar no mercado e adquirir experiência [...]”

É bom lembrar que essa realidade já foi apontada por [Mariz de Oliveira \(1993, p. 8\)](#) ao afirmar que

[...] a responsabilidade profissional tem surgido, muitas vezes, de modo prematuro. Vocês, primeiro ou segundo anistas, principalmente, não conseguem interpretar ou entender bem essa necessidade de definição da proporcionalidade dessas responsabilidades acadêmicas e profissionais e, logo durante o primeiro semestre do curso de graduação já querem atuar profissionalmente [...]

A partir de 1998, com a regulamentação da profissão, a inserção dos graduandos no mercado de trabalho vem mudando, embora com

muita resistência, haja vista que não se muda um comportamento e, tão pouco uma cultura, do dia para a noite.

Quanto à literatura, duas constatações logo de saída: o tema *Mercado de Trabalho* é pouco discutido em publicações e a maioria dos textos consideram-no, também, como local de trabalho. Visando ampliar o ângulo de visão e de entendimento sobre o tema definimos os seguintes objetivos:

- a) discutir a intervenção profissional em uma academia de ginástica;
- b) analisar o significado da intervenção para os profissionais.

Mercado de trabalho: revisão de literatura

Em abril de 1983, a Associação de Professores de Educação Física de São Paulo (APEF-SP) realizou o 1º Encontro de Professores e Alunos das Escolas de Educação Física da Grande São Paulo. Entre os temas debatidos neste Encontro observamos que o tema *Mercado de Trabalho* foi contemplado e as principais idéias publicadas.

Todos os membros do debate foram unânimes em admitir que a diversidade da intervenção profissional em Educação Física ampliou-se e que as novas demandas sociais não estavam sendo exploradas ([MACHADO NETO, 1983](#)). Em função da baixa qualidade dos cursos de graduação no tocante aos conteúdos inadequados, docentes despreparados e pela própria indefinição da área, os egressos destes cursos tinham sua intervenção comprometida e eram alvo de marginalização ([GONÇALVES, 1983](#)). Dada a diversidade da intervenção e a necessidade de profissionais qualificados para atender as novas e futuras demandas sociais, [Mariz de Oliveira \(1983\)](#) advogava dois tipos de bacharelado, com diferentes perspectivas de intervenção: o Bacharelado em Educação Física e o Bacharelado em Esporte. Sobre a Licenciatura em Educação Física, o autor previa um curso redimensionado e direcionado exclusivamente para a escolarização.

Para [Canfield \(1984\)](#), de acordo com a maneira como se define a intervenção profissional, pode-se ou não limitar a inserção no mercado de trabalho (ou “oportunidade de emprego”). Afirma que os cursos de graduação têm um papel importante no delineamento dos

objetivos da profissão e são responsáveis por darem os meios para enfrentar os problemas da intervenção. Ao listar as várias funções e atribuições (condicionamento, reabilitação, treinamento, administração esportiva, comunicação, terapia, recreação, estética, ergonomia, projetista de equipamentos e roupas, docência universitária), o autor admite que um currículo de graduação não tem condições para preparar profissionais para todo esse leque de possibilidades.

De acordo com [Betti e Marchetti \(1985\)](#) em meados de 1980, embora o tema despertasse interesse entre os profissionais, a carência de informações mais precisas vinha prejudicando a reflexão sobre ele. Assim, para ampliar o conhecimento sobre o assunto e subsidiar as discussões, os autores fizeram um levantamento com os egressos de 1979 e 1982 da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo e constataram que os sujeitos da amostra trabalhavam em mais de um local e em situação de subemprego.

Nas conclusões, os autores levantam 3 pontos básicos: a) a escola, na época, era o principal local de intervenção e que ofereceria melhores condições de trabalho (estabilidade e garantias trabalhistas); b) polivalência de intervenção; e c) nas academias, o quadro de exploração a que os profissionais estavam submetidos. Afirmavam, ainda, que a falta de regulamentação da profissão e a inexistência de um associativismo facilitavam essa condição.

Embora não tenhamos dados sobre a situação atual de trabalho dos profissionais de Educação Física, arriscaríamos afirmar que os pontos levantados por [Betti e Marchetti \(1985\)](#) pouco se alteraram, 22 anos depois.

[Macedo \(1996\)](#) inicia a discussão sobre o tema afirmando que os espaços tradicionais de trabalho estão em crise devido ao grande número de profissionais diplomados, expostos que estão à escassez dos concursos públicos, à falência das escolas e dos clubes e à concentração das academias na mão de grupos empresariais.

Diante deste cenário, exageradamente posto aliás, o autor vai apresentar os “novos” mercados como possibilidade para se revertê-lo. Afirmava inicialmente que a área de serviços vem sofrendo mudanças com relação ao “emprego contínuo” e que, por outro lado, apresenta possibilidades

revolucionárias desde que se desenvolva o espírito empreendedor.

É sob o ponto de vista do “espírito empreendedor” que o autor critica os cursos de graduação, pois preparam profissionais para serem mão-de-obra e nunca patrões, e conclui dizendo que o novo paradigma da profissão é o empreendedorismo. Quanto aos “novos” mercados, curiosamente o autor lista *personal training*, empresas, lazer, recreação, escolas de esporte, projetos sociais, colônias de férias, promoção de eventos, atividades acadêmicas e representação de produtos esportivos e de ginástica.

Além de não apresentar nada de novo sobre as possibilidades de inserção profissional, notamos que o autor encontra-se influenciado por uma idéia bastante típica dos anos 1980 e 1990 e que ajudou a caracterizar o ideário neoliberal, o empreendedorismo, segundo o qual, cabe apenas ao indivíduo e ao seu empenho pessoal o sucesso profissional e a conquista do seu espaço no mercado de trabalho.

Em seu texto, [Oliveira \(1998, p. 189\)](#) aponta, em breves reflexões sobre a relação mercado de trabalho e preparação profissional, que a presença da Educação Física no ensino formal vive uma crise de legitimidade e redefinição enquanto disciplina curricular. Afora o contexto escolar, o autor descreve, como possibilidade de inserção profissional, os segmentos da saúde (hospitais, clínicas e centro de recuperação), do lazer (clubes e hotéis), do esporte (clubes, empresas, prefeituras) e da empresa (academias, escolas de esporte) e conclui “[...] o leque de atuação do profissional de Educação Física se ampliou muito [...]”.

Curiosamente, os segmentos citados por [Oliveira \(1998\)](#) são os mesmos apontados por [Betti e Marchetti \(1985\)](#) e, desta forma, só poderíamos entender tal afirmação se considerarmos que o autor está se referindo ao aumento do número de instituições que oferecem programas na área.

Um estudo realizado por [Coelho Filho \(1999\)](#), sobre os profissionais de Educação Física que atuam em academias de ginástica na cidade do Rio de Janeiro, revelou uma realidade bem menos glamourosa do que se faz transparecer.

Segundo esse autor, até o *boom* das academias de ginástica, ocorrido no final dos

1980, eram os profissionais de Educação Física os proprietários das instituições e atuavam, também, como responsáveis pelos programas e sessões de ginástica. A partir dos anos 90, com o crescimento do setor e o início dos investimentos na área, vemos surgir os grandes empreendimentos e, à frente deles, profissionais de outras áreas, cabendo aos profissionais de Educação Física o desenvolvimento dos programas, na sua maioria padronizados, e a coordenação técnica. Sobre a padronização dos programas, é preciso observar que essa realidade vem ao encontro de interesses pouco nobres: a possibilidade da substituição de um profissional por outro sem prejuízo para o andamento dos negócios!

O mesmo estudo revelou, ainda, que o distanciamento entre cliente e profissional impede um diagnóstico preciso das necessidades dos primeiros, contrariando os pressupostos técnico-pedagógicos e a criação de um estereótipo profissional para o segundo. Esse estereótipo define-se por alguém do sexo masculino, jovem (até 40 anos) e com grande capacidade de animação.

Diante desta realidade, um comentário: se em outras profissões competência e prestígio profissional estão associados ao conhecimento e ao saber profissional adquiridos com o passar dos anos, na Educação Física, e particularmente para os profissionais que atuam em academias, essa lógica não é verdadeira. Tal situação dificulta-nos pensar sobre a construção de uma *carreira profissional*.

Segundo [Martins \(1995\)](#), dadas três características da sociedade contemporânea - sedentarismo, comunicação de massa e valorização do tempo de lazer - pode-se afirmar que a inserção do profissional de Educação Física no mercado de trabalho potencializa-se. O trinômio saúde, mídia e lazer amplia a demanda por serviços na área, beneficiando os egressos dos cursos de graduação. Cita os tradicionais locais de trabalho como possibilidade de inserção (academias, clubes, empresas), além de hospitais com suas equipes multidisciplinares, associações ligadas a portadores de deficiência e como empresário do setor. Ao final de seu artigo, [Martins \(1995\)](#) afirma que em virtude da abrangência da intervenção muitos profissionais de Educação Física vão buscar em outros cursos, entre eles Fisioterapia, Administração, Nutrição e

Comunicação, subsídios complementares para a sua intervenção.

Um outro olhar sobre o tema *Mercado de Trabalho*, radicalmente diferente dos apresentados acima, é sublinhado por [Soriano \(1998\)](#). Para a autora, discutir o tema implica observar as mudanças impostas pelo avanço da tecnologia e pela reestruturação dos processos produtivos iniciados nos anos de 1990, como ponto de partida para melhor interagir com o universo do trabalho sem aceitar a subserviência.

Influenciada por uma literatura que reverencia os conceitos de empregabilidade, competência, globalização, a referida autora advoga o contínuo investimento na carreira para evitar o suicídio profissional e, sobretudo, para se superar o estereótipo que marca o profissional de Educação Física: “... *faz-se necessário aceitar o franco desafio de compreender as diversas circunstâncias de nossa atuação profissional...*” ([SORIANO, 1998, p.48](#)).

[Soriano \(1998\)](#) sustenta que se o mercado de trabalho encontra-se estagnado, é porque os profissionais não estão vislumbrando novas oportunidades, tais como: projetos de ambientes virtuais para a prática de atividades que simulem condições geográficas e climáticas adversas; na construção civil desenvolvendo estudos sobre equipamentos e espaços para a práticas motoras; na indústria têxtil e calçadista, desenvolvendo produtos mais adequados às necessidades e objetivos dos praticantes; junto a equipes multidisciplinares, visando a construção de material para-didático e pedagógico que auxiliem no processo ensino-aprendizagem dos programas de Educação Física.

Na expectativa de compreender o mercado de trabalho e a intervenção, [Franchini e Mariz de Oliveira \(1995\)](#), embora apresentem os tradicionais locais de inserção profissional (nos setores escolar e não-escolar), apontam para uma complexidade: pensar a intervenção profissional significa pensar sobre conhecimento profissional e, conseqüentemente, preparação profissional, reconhecimento social e amadurecimento acadêmico da área.

Essa discussão não é nova. Vários autores já fizeram suas reflexões sobre a necessidade da caracterização acadêmica para melhor definir a intervenção profissional e delimitação do mercado de trabalho.

Pelo exposto nas páginas anteriores, objetivando uma síntese, podemos afirmar que na literatura sobre o tema *Mercado de Trabalho em Educação Física* predomina a exposição dos possíveis locais de inserção profissional, sejam eles os tradicionais ([FRANCHINI; MARIZ DE OLIVEIRA, 1995](#), [MACEDO, 1996](#), [MARTINS, 1995](#), [OLIVEIRA, 1998](#)) ou potenciais ([SORIANO, 1998](#)). No entanto, alguns autores ([BETTI; MARCHETTI, 1985](#), [COELHO FILHO, 1999](#), [TAFFAREL, 1997](#)) apontam, ainda que timidamente, para a necessidade de olhar o tema sob o prisma das relações de trabalho.

Há um outro ponto a ser destacado: tanto [Betti e Marchetti \(1985\)](#) quanto [Franchini e Mariz de Oliveira \(1995\)](#) indicam a necessidade de organismos - sejam eles sindicato, associação ou conselho, responsáveis por mediar a relação entre os profissionais de Educação Física e a sociedade - que estabeleçam regras básicas de responsabilidade. Entretanto, é bom lembrar que esses organismos existem (APEF, Sindesporte, CONFED e CREF) e o que se há de avaliar é a existência ou não de um associativismo participativo e os mecanismos simbólicos que desencadeiam os comportamentos de adesão ou de aversão à participação nesses organismos.

Como podemos observar por essa revisão, pouco se tem escrito e pesquisado sobre a temática *profissional de Educação Física e as características de sua intervenção*. Aliás, [Verenguer \(2005\)](#) quando discute o mundo do trabalho e as relações de trabalho estabelecidas pelos profissionais de Educação Física aponta para a carência de estudos, afirmando que essa temática é atual e pertinente.

Método

Optamos por uma *pesquisa de natureza qualitativa* nos moldes caracterizados por [Trivinões \(1987\)](#) e [Richardson et al \(1999\)](#) que se caracteriza por um *estudo de caso* ([LAVILLE; DIONNE, 1999](#), [THOMAS; NELSON, 2002](#)). Para a coleta de dados, escolhemos a *entrevista semi-estruturada* como técnica ([GOODE; HATT, 1979](#), [CHIZZOTTI, 1995](#)).

Em que pese as dificuldades, limitações e a complexidade dessa opção, ela, além de ir ao encontro do objeto de investigação deste estudo e, portanto, ser metodologicamente coerente, possibilita uma compreensão dos significados e características das situações vivenciadas pelos

entrevistados, bem como a exposição de suas convicções sobre a temática proposta.

Sobre a escolha da entrevista semi-estruturada como técnica de coleta de dados, consideramos ser adequada haja vista que através da interação pesquisador-entrevistado podemos obter informações acerca dos saberes, crenças, esperanças, sentimentos e desejos dos entrevistados.

Por fim, os dados coletados através das entrevistas serão apresentados e discutidos a partir da estratégia de *análise de conteúdo* conforme orientação de [Richardson et. al \(1999\)](#). Tal estratégia possibilita preservar a fala dos sujeitos, bem como ser fiel aos seus discursos.

Caracterização das entrevistas

Foram elaborados inicialmente dois blocos de perguntas: um de natureza mais pontual, visando adquirir informações básicas sobre os entrevistados e, o outro, de natureza mais aberto, visando desvelar as idéias e convicções dos entrevistados sobre a temática do estudo.

Nesse sentido, o primeiro bloco de perguntas, em forma de questionário, visa saber a) a formação inicial, o tempo de formação, as atividades de aperfeiçoamento ao longo da vida acadêmica e da carreira; b) as características gerais do local de trabalho; e c) as atividades profissionais realizadas concomitantes ou não ao longo da carreira. Essas perguntas foram respondidas por escrito pelos entrevistados em formulário próprio.

Já para o segundo bloco, inicialmente foi elaborada a seguinte pergunta: como se dá o seu processo de intervenção profissional? Aqui as respostas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Escolha dos entrevistados

Os entrevistados são profissionais diplomados em Educação Física e registrados no respectivo Conselho Regional contratados sob o regime da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), por 20 horas semanais, e desenvolvem programas de condicionamento físico geral em uma grande academia de ginástica. Uma vez definidos os participantes e antes de iniciar as entrevistas, os mesmos assinaram o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** após leitura da **Carta de Informação ao Sujeito da Pesquisa**, na qual estarão relatados os objetivos gerais do trabalho.

Todas as entrevistas seguiram um ritual que se constituiu em apresentar a cada sujeito os objetivos da pesquisa, assim como elucidar pontos sobre a temática da mesma. Em seguida, o entrevistado respondeu as perguntas do primeiro bloco, para então darmos início à entrevista propriamente dita. Nesta parte, utilizamos um gravador Panasonic - mini cassete recorder RQ-L11 que posto no centro da mesa e entre o entrevistado e o entrevistador, conforme as orientações de [Queiroz \(1991\)](#), possibilitou que as falas fossem registradas.

Para preservar a identidade dos entrevistados e possíveis dados identificatórios (instituição formadora, local de trabalho etc) criamos um código para cada entrevistado e descrevemos a instituição sem nomeá-la.

Resultados

Neste item apresentamos os dados colhidos, no que se refere a) à caracterização da instituição, b) à caracterização dos sujeitos e c) às entrevistas.

Caracterização da Instituição

A instituição escolhida caracteriza-se por uma típica academia de ginástica de grande porte com filiais espalhadas por toda cidade de São Paulo e municípios vizinhos. Além dos programas de treinamento resistido (musculação), é possível encontrar todos os tipos de programas de ginástica em grupo e programa de treinamento físico personalizado.

Os profissionais que ali trabalham estão sujeitos ao regime da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) e são contratados por 20 horas semanais. Alguns deles também intervêm como autônomos (*personal training*) e ao receberem seus honorários diretamente dos clientes pagam à instituição pelo aluguel do espaço e dos equipamentos.

Essa instituição foi escolhida por uma peculiaridade: semanas antes de iniciarmos as entrevistas, os profissionais, sujeitos desta pesquisa, estavam sendo submetidos a um treinamento para a implantação de um programa no qual os procedimentos de trabalho e de intervenção estavam pré-definidos e padronizados, à semelhança do que acontece com os programas de ginástica aeróbica. Ou seja, a intervenção estaria, a partir deste momento, circunscrita à utilização de fichas modelos, exercícios pré-definidos em repetições, frequência e carga.

Caracterização dos Sujeitos

É importante lembrar que os dados apresentados neste item foram retirados do primeiro bloco de perguntas. Os sujeitos, em número de 7, graduaram-se entre 1999 e 2004 e, portanto, têm entre 3 e 8 anos de carreira. Afirmaram que continuam frequentando cursos e se aprimorando sistematicamente.

Quadro 1. antes da implantação dos procedimentos padronizados

Categorias	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7
Mobilização dos conhecimentos	x	x	x	x	x	x	x
Aplicação dos saberes profissionais	x		x	x	x	x	
Repetição dos procedimentos de intervenção							x

Quadro 2. depois da implantação dos procedimentos padronizados

Categorias	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7
Mobilização dos conhecimentos							x
Aplicação dos saberes profissionais				x			
Repetição dos procedimentos de intervenção	x	x	x	x	x	x	x

Entre os sujeitos, cinco têm diploma de Licenciatura e dois, de Bacharelado. Destes diplomas, seis são cancelados por Universidades particulares e um, pela pública. Sobre o local de trabalho, julgam que há um bom ambiente de trabalho e que os profissionais podem compartilhar conhecimentos e experiências. É importante registrar que os

sujeitos estavam há pelo menos 12 meses nesta instituição.

Entrevistas

Tendo como base a pergunta norteadora "Como se dá o seu processo de intervenção profissional?", estabelecemos, posteriormente às entrevistas, as categorias de análise e

construímos a matriz de análise de discurso, conforme quadros acima.

Discussão

Antes de começarmos a discussão, é preciso lembrar que os sujeitos, na época da entrevista, estavam vivendo um período de transição na instituição com a implantação de um programa de Condicionamento Físico Geral com procedimentos padronizados e intervenção pré-definida.

Observando as matrizes de análise acima, dois dados saltam aos olhos: a) antes da implantação do Programa, os sujeitos foram unânimes em admitir que para a sua intervenção era preciso mobilizar os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de estudo e b) depois da implantação do mesmo, unanimemente, afirmaram que a intervenção caracteriza-se pela repetição de procedimentos.

Considerando a categoria **mobilização de conhecimento** e entendendo-a como a utilização dos conhecimentos como alicerce para a intervenção, [Freidson \(1998\)](#) afirma que um requisito básico para caracterizar uma profissão é justamente a existência e o reconhecimento, pela classe profissional, de um conhecimento exclusivo e fruto de um longo período de aprendizado. A isso ele dá o nome de *expertise*.

Podemos observar nas falas dos sujeitos, apresentadas abaixo, que eles reivindicam a sua “profissionalidade”, ou seja, a condição de profissionais de Educação Física, uma vez que, como afirma [Barros \(1993, p. 11\)](#) a profissão “... pressupõe um conjunto de conhecimentos, que lhe são próprios e embasam a sua prática...”.

Vejamos:

“... de acordo com que a gente aprendeu durante os anos de faculdade e nos cursos realizados...” (S1)

“... tudo que eu aprendi na faculdade... assim digamos... me tornei uma pessoa mais crítica...” (S1)

“é preciso argumentar, dizer o porquê das coisas...eu preciso mostrar o meu conhecimento para os alunos...ter a liberdade de mostrar o conhecimento...” (S1)

“... na montagem do treino o conhecimento e a informação são necessários e são fontes de reconhecimento...” (S2)

“... é preciso explicar o que é interessante para ele (aluno)... para fazer a periodização eu preciso saber o que estou fazendo... usar o que eu aprendi...eu volto para os livros...” (S3)

“... o meu trabalho é fruto do meu investimento... quando você der o feedback não vai ser um robzinho, uma receita de bolo...” (S4)

“... quando a gente prescreve o treino, a gente utiliza os recursos da fisiologia e da biomecânica... dá um respaldo, um conhecimento...” (S5)

“... eu usufruo o conhecimento e até vou buscar mais porque você fica na dúvida de alguma coisa...” (S6)

“... o profissional tem essa liberdade de poder falar, de mostrar o que ele conhece, o conhecimento dele...” (S7)

Embora não tenha sido objeto de investigação deste estudo é preciso lembrar que a intervenção profissional se baseia nas competências essenciais, ou seja, na articulação dos conhecimentos, habilidades e atitudes. Sem elas dificilmente poderemos esperar que a sociedade reconheça o profissional de Educação Física como aquele que tem autoridade sobre a prestação de serviços próprios da área ([FREIRE, REIS; VERENGUER, 2002](#), [FEITOSA; NASCIMENTO, 2003](#)).

Em situação diametralmente oposta à categoria **mobilização do conhecimento**, a categoria **repetição dos procedimentos de intervenção** está associada à ausência de autonomia que, aliás, é um outro requisito para caracterizar uma profissão ([FREIDSON, 1998](#)). A independência, a liberdade e as escolhas sobre como realizar a intervenção são fundamentais para “... evitar a pressão por padronização das rotinas, tão desejada por empregadores...” ([VERENGUER, 2004, p. 125](#)).

É importante lembrar que as idéias de repetição dos procedimentos e de padronização das rotinas estão intimamente relacionadas com os conceitos de exploração e alienação do trabalho. Segundo [Sader \(1999\)](#) o trabalho pode ser tanto fonte de liberdade e criação como de alienação e escravidão. Destituído de significado, portanto mera repetição e execução de tarefas, o trabalho deixa de ser fonte de realizações e o trabalhador não se percebe como criador, como alguém indispensável, pois ao não decidir sobre os rumos da sua intervenção, o profissional torna-

se uma mercadoria, ou seja, algo que se compra, se usa e, depois, descarta-se.

Não há dúvida de que a padronização dos programas é uma estratégia comercial bem sucedida para os empregadores, no entanto, para os profissionais que perdem a possibilidade de planejar sua intervenção, estes “... aproximam-se dos operários de metalúrgicas ou indústrias de eletro-eletrônicos, que trabalham com atividades repetitivas, muitas vezes sem a compreensão do trabalho realizado...” (FREIRE, 2001, p. 119).

É justamente contra isso que os sujeitos da pesquisa estão reagindo:

“... tem um padrão de atender o aluno... vira uma coisa muito repetitiva e acaba sendo chata... é que assim eu repito isso todo dia, para todos os alunos...” (S1)

“...eu não tenho a criatividade de montar treino... todo mundo faz o mesmo exercício... eles padronizam (o treino)... fica uma coisa muito repetitiva...” (S1)

“... eu fiquei mais limitada (na intervenção)... penso até que não sei mais montar um treino...” (S2)

“... é um negócio pronto que você vai trabalhar com 4 exercícios... isso é determinado... tem que seguir isso...eu não posso tomar decisões...” (S3)

“... eu vou ficar condicionado a uma coisa... eu não gosto assim de rotina... é só mecânico, sabe... é só mão-de-obra mesmo... tenho que trabalhar amarrado...” (S3)

“... são séries fixas... treino unificado, um treino que não é interessante... por causa da padronização... aliás qualquer pessoa poderia aplicar esse programa...” (S4)

“... com relação à padronização, isso é ruim para o profissional mas para o dono de academia, ele vai ter os profissionais trabalhando como relóginho... e você acaba limitando o profissional de Educação Física com relação à prescrição do treino...” (S4)

“... você fica meio frustrado com esse tipo de treino... acho que padronizar assim... não tem o que criar... é tudo mecânico...” (S5)

“... antes a gente tomava mais decisão...” (S5)

“... fica limitado... o problema é continuar sempre com o mesmo treino... fica cômodo... não dá para a gente ficar na mesmice...” (S6).

“... essa coisa padronizada, com todo mundo fazendo igual... então, você treina uma pessoa para fazer isso... e acaba não diferenciando um profissional que é formado de um estagiário...” (S6)

“... esse programa já vem estruturado, já vem com os procedimentos... você só vai aplicar...” (S7)

“... essa repetição, essa padronização... o empresário quer ter lucro... o menor gasto possível e quer ter o controle total da situação...” (S7)

A categoria **aplicação dos saberes profissionais** que aparece assinalada no quadro 1 e que está intimamente relacionada com a categoria *mobilização dos conhecimentos* está relacionada aos procedimentos que caracterizam a intervenção profissional. Deste modo, considerando a intervenção do profissional de Educação Física, para a prescrição de um programa é imprescindível diagnosticar, planejar, executar e avaliar.

[Freire, Reis e Verenguer \(2002\)](#) detalham as etapas da intervenção afirmando que: na etapa de diagnóstico é preciso reconhecer e identificar as características e necessidades, as possibilidades e os anseios do cliente; na de planejamento é preciso definir objetivos, selecionar conteúdos, escolher estratégias; na etapa de execução, efetuar o planejado; e na etapa de avaliação, verificar se os objetivos, os conteúdos e as estratégias foram adequados e se atingiram o proposto.

Esses procedimentos, que caracterizam a intervenção do profissional, são expostos pelos sujeitos para delimitar seu papel diante dos seus clientes. Vejamos:

“... montar um treino de acordo com o que o aluno pedía... elaborando um treino, vendo se esse treino tem resultado ou não...” (S1)

“... montava o treino de acordo com os objetivos e necessidades, em relação à avaliação física...” (S1)

“... o treinamento vai ao encontro dos objetivos... pego a avaliação médica e vejo se ele tem restrição...” (S3)

“... montava o treino de acordo com a necessidade e a condição física desse cliente...” (S4)

“... a gente prescrevia o treinamento de acordo com a avaliação física e médica” (S5)

“... vejo os principais objetivos, as preferências, as necessidades...” (S6)

Considerações Finais

No processo de desenvolvimento científico da área, observamos o crescente número de pesquisas que investigam a intervenção profissional e, esse trabalho, trilhou esse caminho.

Objetivando discutir a intervenção profissional e seu significado para profissionais de Educação Física em um segmento do mercado de trabalho tão tipicamente caracterizado como as academias de ginástica, encontramos profissionais questionando e refletindo sobre seu cotidiano profissional.

Em meio à transição e à implantação de um programa padronizado de treinamento resistido (musculação), aquilo que poderia ser considerado como resistência às mudanças é, na verdade, a afirmação, feita pelos sujeitos, de sua condição de profissionais.

Os sujeitos desta pesquisa têm a consciência de que sua intervenção é mediada pelo conhecimento adquirido ao longo de suas experiências acadêmicas e profissionais e pelos saberes que delimitam essa intervenção. Não estão dispostos a se submeter a um trabalho alienado e destituído de significado e de prazer.

Por fim, ousaríamos afirmar, na esperança de que isso se concretize, que a realidade aqui investigada é um passo firme em direção ao amadurecimento da profissão e, por consequência, do profissional.

Referências

BARROS, J. M. C. Educação física e esporte: profissões? **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 11, p. 5-16, 1993.

BETTI, M; MARCHETTI, E. A. Mercado de trabalho em educação física na cidade de São Paulo. **Corpo e Movimento**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 20-1, 1985.

CANFIELD, J. T. Reflexões sobre o mercado de trabalho para profissionais de educação física. **Informativo APEF/DF**, Brasília, DF, v. 4, n. 16, 1984.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo:Cortez, 1995.

COELHO FILHO, C. A. A. O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 61-83, 1999.

DARIDO, S. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Araras: Topázio, 1999.

FEITOSA, W. M. N; NASCIMENTO, J. V. As competências específicas do profissional de educação física que atua na orientação de atividades física: um estudo delphi. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, DF, v.11, n. 4, p. 19-26, 2003.

FRANCHINI, E.; MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Perspectivas da atuação profissional em educação física no século XXI. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2., 1995, São Paulo. **Proceedings...** p. 45-51.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política**. São Paulo: EDUSP, 1998.

FREIRE, E. O papel do profissional de educação física diante da utilização dos novos métodos. In: SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR DA USJT, 7., 2001. **Anais...** p. 119.

FREIRE, E.; REIS, M. C. C.; VERENGUER, R. C.G. Educação física: pensando a profissão e a preparação profissional. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 39-46, 2002.

GONÇALVES, N. M. O recém formado em educação física. **Corpo e Movimento**, São Paulo, v. 1, p. 6, 1983.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: ArtMed; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MACEDO, L. Educação física: novos mercados de trabalho. **Sprint Magazine**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 84, p. 20-1, 1996.

MACHADO NETO, O. Novos espaços para o profissional em educação física. **Corpo e Movimento**, São Paulo, v. 1, p. 6-7, 1983.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Educação física: tendências e perspectivas. In: SEMANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIVERSIDADE SÃO

JUDAS TADEU, 1., 1993, São Paulo. **Anais...** p. 6-22, 1993.

MARTINS, J. C. B. Expectativas para o mercado profissional do professor de educação física. **Sprint Magazine**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 78, p. 30-5, 1995.

OLIVEIRA, A. A. B. Mercado de trabalho em educação física e a formação profissional: breves reflexões. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 1.; CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 2., 1998, Foz do Iguaçu. **Anais...** p. 186-92.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A Queiroz, 1991.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SADER, E. A exploração. In: SADER, E.r(Org.) **7 Pecados do capital**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SORIANO, J. B. Educação física: competência profissional e atuação no mercado de trabalho. In: SEMANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU, 6., 1998, São Paulo. **Anais...** p. 44-59.

TAFFAREL, C. N. Z. Currículo, formação profissional na educação física & Esporte e campos de trabalho em expansão: antagonismos e contradições da prática social. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 43-51, 1997.

TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, p. 9-50, 1996.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERENGUER, R. C. G. Mercado de trabalho em educação física: reestruturação produtiva, relações de trabalho e intervenção profissional. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 39-54, 2005.

VERENGUER, R. C. G. Intervenção profissional em educação física: expertise, credencialismo e autonomia. **Motriz. Revista de Educação Física, UNESP**, Rio Claro, v. 10, n. 2, p. 123-34, 2004

VERENGUER, R. C. G. Dimensões profissionais e acadêmicas da educação física no Brasil: uma síntese das discussões. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 164-175, 1997.

Esse artigo foi apresentado no IV Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física- NEPEF, realizado na UNESP/Bauri de 20 a 23 de novembro de 2008.

Endereço:

Rita de Cássia Garcia Verenguer
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Av. Mackenzie, 905 Tamboré
Barueri SP Brasil
06460-020
e-mail: ritaveren@mackenzie.com.br

Recebido em: 30 de setembro de 2008.

Aceito em: 1 de novembro de 2008.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)